



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO  
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

FRANCISCO ALISON CUSTÓDIO IDELFONSO

**AVANÇOS TECNOLÓGICOS NO AMBIENTE DE TRABALHO E SEUS IMPACTOS  
NOS PROCESSOS SAÚDE-DOENÇA DOS TRABALHADORES**

Icó – CE

2023

FRANCISCO ALISON CUSTÓDIO IDELFONSO

**AVANÇOS TECNOLÓGICOS NO AMBIENTE DE TRABALHO E SEUS IMPACTOS  
NOS PROCESSOS SAÚDE-DOENÇA DOS TRABALHADORES**

Artigo científico submetido à disciplina de TCC II, do Curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Esp. Najara Oliveira Silva

FRANCISCO ALISON CUSTÓDIO IDELFONSO

**AVANÇOS TECNOLÓGICOS NO AMBIENTE DE TRABALHO E SEUS IMPACTOS  
NOS PROCESSOS SAÚDE-DOENÇA DOS TRABALHADORES**

Artigo científico aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado – UniVS.

BANCA EXAMINADORA:

---

**Esp. Najara Oliveira Silva**

*Orientador(a)*

---

**Esp. Maxwell Fontes Teixeira**

*Avaliador(a)*

---

**Esp. Davi Sampaio Cardoso**

*Avaliador(a)*

Icó – CE

2023

# AVANÇOS TECNOLÓGICOS NO AMBIENTE DE TRABALHO E SEUS IMPACTOS NOS PROCESSOS SAÚDE-DOENÇA DOS TRABALHADORES

Francisco Alison Custódio Idelfonso<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo teve como objetivo a compreender os impactos que as tecnologias têm no ambiente de trabalho tendo abordando a teoria de Dejours (2015), como prisma para jogar luz na busca de entender o processo de saúde-doença. O estudo teve como metodologia uma revisão bibliográfica narrativa com abordagem qualitativa. Como resultado foi possível verificar que a conectividade constante proporcionada por dispositivos móveis/telefones e a possibilidade de trabalhar remotamente podem resultar em uma sobreposição entre o tempo de trabalho e o tempo pessoal vindo a causar um estresse de trabalho por conta duplicidade de carga horaria. Conclui-se que o tema abordado neste trabalho é de extrema importância, uma vez que o avanço tecnológico tem remodelado profundamente o ambiente de trabalho e tem implicações significativas para a psicologia.

**Palavras-chave:** Psicologia Organizacional. Psicodinâmica. Saúde do trabalhador. Tecnologias

## ABSTRACT

This article aimed to understand the impacts that technologies have on the work environment, having approached the theory of Dejours (2015), as a prism to shed light in the search to understand the health-disease process. The study methodology was a narrative literature review with a qualitative approach. As a result, it was possible to verify that the constant connectivity provided by mobile devices/phones and the possibility of working remotely can result in an overlap between work time and personal time, causing a double workload. It is concluded that the theme addressed in this work is extremely important, since technological advances have profoundly reshaped the work environment and have significant implications for psychology.

**Keywords:** Organizational Psychology. Psychodynamic. Occupational health. Technologies

## 1 INTRODUÇÃO

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) têm impactado o mundo todo com sua abrangência em diversas áreas. Na esfera do trabalho não seria diferente, pois, como tudo que é novo tem seus pontos positivos e negativos, na esfera do trabalho as novas tecnologias têm cada vez mais tomando espaço, exemplos disso são os procedimentos de digitalização dos processos burocráticos e das robotizações nas grandes fabricas e

multinacionais. Por fim, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), disseminadas como ferramentas de soluções do cotidiano (Lima Alves, 2020).

Pensar saúde como ausência de doença em uma sociedade contemporânea em que o processo de virtualização das relações sociais e o processo de produção tornaram-se cada vez mais complexos e robotizados há muito tempo tornou-se obsoleto já que atualmente saúde é compreendida como bem-estar físico, psíquico, social e econômico. Desta forma, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) cerca de 264 milhões de pessoas sofrem de ansiedade e depressão acarretando perdas de 1 trilhão de dólares (Santo; Freitas, 2009).

O estudo busca explorar como as formas de trabalho se transformaram através do tempo, e quais os impactos das novas tecnologias no processo saúde-doença. Haja vista que, o trabalho existe desde os primórdios do tempo e que durante o passar deste foi evoluindo e passando por diversas transformações. Diante de tantas transformações, faz-se necessário a compreensão do trabalho, que é exemplificado pela obra de Dejours (1987), que ressalta a importância fundamental do trabalho no processo de saúde/doença, tanto a nível individual quanto coletivo. De acordo com Dejours, a produção do trabalho na sociedade capitalista contemporânea tem impactos significativos em diversas áreas, incluindo a social, econômica, ambiental, cultural, física e psicológica (Alves, 2020).

O trabalho e o processo de saúde-doença estão relacionados desde a antiguidade, vale salientar que essa relação vem ganhando notoriedade em meados da Revolução Industrial, uma vez que, assim teve início ao processo de formação da área saúde do trabalho ou saúde do trabalhador. A saúde do trabalhador é uma subárea da saúde coletiva, na psicologia temos uma grande quantidade de intervenções e formas de compreender o sujeito que sofre por questões relativas ao trabalho, atualmente tem se dado muita atenção ao estresse ambiental laboral e suas implicações a saúde dos indivíduos. Uma das consequências desse processo de adoecimento é o desgaste por excesso de trabalho (Alves, 2020).

O trabalho é um campo de estudo importante que nos permite entender a evolução do papel do trabalho na sociedade, bem como os desafios enfrentados pelos trabalhadores ao longo do tempo. Compreender essa evolução é fundamental para garantir que as políticas trabalhistas atuais estejam alinhadas com as necessidades e demandas dos trabalhadores do século XXI. Desta forma, o tema de pesquisa se justifica pela sua importância social e sua relevância para a ciência, principalmente, a psicológica (Alves, 2020).

Desse modo, a motivação para o presente estudo parte da inquietação e da necessidade de problematização das inter-relações entre o avanço do uso da tecnologia e a casualidade no

processo de saúde-doença do trabalhador no ambiente de trabalho e como elas estão a causar danos ao bem-estar bio-psíquico-social dos colaboradores e como a psicologia pode estar atuando de maneira a proporcionar uma melhor qualidade de vida, dentro do ambiente laboral. Além disso, a necessidade de interpretar e compreender criticamente os fenômenos e conhecimentos relacionados a interferência das novas tecnologias no contexto do trabalho e o processo saúde-doença que sejam causados por conta de suas ocupações de trabalho.

O estudo teve como objetivo geral compreender como o uso das tecnologias tem influenciado o processo de saúde-doença ao longo da história das transformações no trabalho. E os objetivos específicos incluem a análise das implicações do trabalho no processo de saúde-doença como um fenômeno sociohistórico, a investigação dos impactos das tecnologias na saúde dos trabalhadores e a discussão das transformações tecnológicas no contexto laboral.

Trata-se de uma revisão de bibliografia narrativa e com abordagem qualitativo onde busca-se discutir e compreender as transformações que passaram o trabalho e como a tecnologia vem impactando a saúde do trabalhador, partindo a ótica da psicologia organizacional e sua subárea, saúde do trabalhador e a psicodinâmica do trabalho.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 PERSPECTIVA HISTÓRICA DO TRABALHO**

Segundo Sahlins (1972), as sociedades caçadoras-coletoras tinham uma relação direta com o ambiente natural, e o trabalho era realizado de forma cooperativa, com base na divisão de tarefas por gênero e idade. Os homens geralmente se envolviam em atividades de caça, pesca e defesa do grupo, enquanto as mulheres se dedicam à coleta de alimentos vegetais, cuidado das crianças e atividades relacionadas à preparação dos alimentos.

Outros estudiosos, como Lee (1979), sugerem que o trabalho nestas sociedades não era árduo. A disponibilidade de recursos naturais e a ausência de uma produção em larga escala permitiam que as pessoas respirassem tempo livre para atividades de lazer, criação de laços sociais e desenvolvimento cultural. Vale salientar que, essas sociedades primitivas tinham uma relação integrada com o meio ambiente e uma compreensão profunda dos recursos disponíveis. O trabalho estava intrinsecamente ligado à necessidade de garantir a subsistência do grupo, e não havia uma separação rígida entre o trabalho e a vida cotidiana.

Já segundo Durand (2010), o trabalho na Antiguidade era fundamental para a sustentação das civilizações da época. Nas sociedades agrárias, como no Egito e na Mesopotâmia, a agricultura era a base da economia, e os camponeses desempenhavam um papel central, cultivando terras e produzindo alimentos. Na Grécia Antiga, o trabalho escravo era comum, permitindo que os cidadãos livres se dedicassem a atividades intelectuais e políticas, já em Roma, o trabalho escravo também desempenhou um papel significativo na economia, com escravos envolvidos em diversas atividades, desde a agricultura até a construção. O Império Romano viu o desenvolvimento de estruturas econômicas complexas, incluindo comércio e manufatura. o trabalho era visto como uma atividade subordinada, destinada aos escravos e servos.

Desta forma, com o surgimento do feudalismo na Idade Média, houve a valorização do trabalho manual, especialmente na agricultura e na produção artesanal. Já na Idade Moderna, a Revolução Industrial trouxe consigo a mecanização do trabalho e o surgimento das fábricas, que levaram a uma intensificação da produção e ao aumento da exploração dos trabalhadores (Prado, 2008).

Segundo Le Goff (2003), na Idade Média, o trabalho agrícola trabalhava um papel central na vida das pessoas. A agricultura era a principal atividade econômica e ocupava a maior parte da população. Os camponeses nas terras do senhor feudal, cultivando os alimentos necessários para a sobrevivência de toda a comunidade feudal. A sociedade feudal era hierarquizada, com a figura central do senhor feudal, que possuía terras e poder político, e os camponeses, que cultivavam nas terras do senhor feudal em troca de proteção e do direito de uso de uma parcela de terra para a suasubsistência. Essa relação entre senhor e camponês era conhecida como sistema de servidão, onde o trabalho do camponês era essencial para garantir a produção agrícola e sustentar uma estrutura social feudal.

A evolução do trabalho ao longo da história está diretamente ligada às transformações sociais, tecnológicas e econômicas que ocorreram em diferentes épocas. Desde a pré-história, o trabalho tem sido uma atividade fundamental para a sobrevivência e o desenvolvimento das sociedades, passando por diversas fases e mudanças significativas (Durand, 2010),

No século XX, a luta dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e direitos trabalhistas resultou em mudanças significativas na organização do trabalho e na legislação trabalhista em diversos países. Com o avanço das tecnologias, surgiram novas formas de trabalho, como o teletrabalho e a terceirização, que trouxeram novos desafios e questões para os trabalhadores (Freire, 2018).

A Revolução Industrial, no século XVIII, marcou uma grande mudança na organização do trabalho, com a introdução de máquinas e tecnologias que tornaram possível a produção em larga escala. No entanto, esse período também foi marcado por condições precárias de trabalho, exploração e baixos salários para os trabalhadores. Com o tempo, surgiram movimentos trabalhistas que lutaram por melhores condições de trabalho e direitos para os trabalhadores. No Brasil, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), criada em 1943, foi um marco na legislação trabalhista, estabelecendo regras para a relação entre empregados e empregadores (Silva, 2004; Coutinho, 2007).

Atualmente, o trabalho continua a desempenhar um papel fundamental na vida das pessoas e na economia global. No entanto, novas tecnologias e mudanças na economia global têm afetado significativamente o mercado de trabalho, com a automatização de muitas atividades e a criação de novas profissões (Castells, 2009).

O avanço das novas tecnologias no ambiente de trabalho tem trazido inúmeras mudanças, tanto positivas quanto negativas, na saúde e bem-estar dos trabalhadores (Sahraian *et al.*, 2019). Por um lado, a automação e o uso de tecnologias digitais têm permitido a redução de riscos e a melhoria das condições de trabalho em algumas áreas, bem como a flexibilização de horários e o trabalho remoto, o que pode reduzir o estresse e a fadiga dos trabalhadores. Por outro lado, o uso excessivo de tecnologia e a sobrecarga de informações podem causar problemas de saúde, como dores musculares, problemas de visão, fadiga mental e emocional, além de aumentar o risco de burnout e transtornos relacionados ao estresse (Alves *et al.*, 2020).

Além disso, as novas tecnologias também podem levar a uma maior vigilância dos trabalhadores, seja por meio de sistemas de monitoramento eletrônico ou análise de dados de produtividade, o que pode afetar a privacidade e a liberdade dos trabalhadores. Assim, é necessário um equilíbrio entre a adoção de novas tecnologias e a preservação da saúde e bem-estar dos trabalhadores. Isso requer políticas e medidas específicas que abordem esses desafios, além de uma cultura empresarial que valorize a saúde e o bem-estar dos trabalhadores (Singh *et al.*, 2020).

No contexto histórico, a psicodinâmica do trabalho se desenvolveu a partir das transformações no mundo do trabalho, com o surgimento de novas formas de organização e gestão do trabalho, que muitas vezes causavam sofrimento e adoecimento nos trabalhadores (Mendes, 2007). De acordo com Dejours (2015), a psicodinâmica do trabalho surgiu no final da década de 1970 como uma resposta a essa situação, buscando compreender os processos psicológicos que levam ao adoecimento no trabalho.



Desde então, a psicodinâmica do trabalho tem se desenvolvido como uma abordagem interdisciplinar que articula conceitos e teorias da psicologia, sociologia, antropologia e medicina do trabalho, com o objetivo de compreender os aspectos subjetivos do trabalho e seus impactos na saúde e bem-estar dos trabalhadores. Nesse sentido, a psicodinâmica do trabalho tem sido importante na identificação de problemas relacionados ao trabalho, como o assédio moral, a sobrecarga emocional e a violência no ambiente de trabalho, e na proposição de intervenções que promovam a saúde e o bem-estar dos trabalhadores (Dejours, 2015; Mendes, 2007).

## 2.2 PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO E O CAPITALISMOS

A precarização do trabalho é um tema recorrente no contexto do sistema capitalista, no qual se observa uma diminuição das condições de trabalho e uma redução da segurança social dos trabalhadores. Essa situação está intrinsecamente relacionada as mudanças nas relações de trabalho e nas políticas econômicas que favorecem o empregador em detrimento dos direitos e do bem-estar dos empregados.

De acordo com Harvey (1990), o capitalismo é um sistema econômico que busca incessantemente a acumulação de capital por meio da exploração do trabalho assalariado. Para maximizar os lucros, os empregadores têm buscado formas de flexibilizar o trabalho, reduzir custos e minimizar os compromissos a longo prazo com os trabalhadores. Essas estratégias incluem a adoção de contratos temporários, terceirização e o estímulo ao trabalho autônomo e *freelancer*.

A terceirização, por exemplo, tem sido amplamente utilizada pelas empresas como uma forma de reduzir encargos trabalhistas e transferir a responsabilidade pelos direitos e benefícios dos trabalhadores para outras empresas. Essa prática tem contribuído para a precarização do trabalho, uma vez que os trabalhadores terceirizados muitas vezes recebem salários mais baixos, enfrentam jornadas extenuantes e possuem menor proteção social em comparação aos trabalhadores efetivos (Antunes, 2018).

Além disso, o crescimento do trabalho autônomo e dos *freelancers* também está relacionado à precarização do trabalho. A economia digital e as transformações tecnológicas têm possibilitado uma maior flexibilidade no mercado de trabalho, mas também têm resultado em empregos com baixa segurança e proteção social. Muitos trabalhadores autônomos enfrentam instabilidade no emprego, dificuldade em obter benefícios e direitos trabalhistas, além de uma renda muitas vezes insuficiente para garantir uma vida digna (Standing, 2011).

A precarização do trabalho no capitalismo tem impactos significativos na vida dos trabalhadores, como o aumento da desigualdade social, a fragilização do acesso a direitos básicos, como saúde e previdência, e a diminuição da qualidade de vida. Esses aspectos destacam a necessidade de repensar as políticas econômicas e trabalhistas, buscando um equilíbrio entre a busca pelo lucro e a proteção dos direitos dos trabalhadores (Standing, 2011).

Desta forma, a precarização do trabalho é uma consequência do sistema capitalista, que prioriza a acumulação de capital em detrimento dos direitos e bem-estar dos trabalhadores. A adoção de práticas como contratos temporários, terceirização e o crescimento do trabalho autônomo e dos *freelancers* são exemplos de como essa precarização ocorre. É fundamental promover um debate amplo sobre as condições de trabalho e buscar alternativas que garantam dignidade e segurança aos trabalhadores, sem comprometer o desenvolvimento econômico (Standing, 2011).

O materialismo de Marx (1867) é a parte essencial de sua filosofia, conhecida como materialismo histórico. Sua epistemologia rejeita a ideia de que as ideias e as instituições são as principais impulsionadoras da história. Em vez disso, Marx argumenta que as condições materiais e econômicas de uma sociedade, como a forma como a produção e a distribuição de bens são organizadas, desempenham um papel fundamental na formação da estrutura social, nas relações de classe e no desenvolvimento histórico. Ele enfatiza que as contradições inerentes ao sistema capitalista, como a exploração dos trabalhadores pela classe capitalista, resultam em conflitos sociais e mudanças históricas. Assim, o materialismo de Marx coloca o foco na análise das relações materiais e econômicas como a base para compreender a dinâmica da sociedade e a busca pela emancipação da classe trabalhadora.

De acordo com Marx (1867), o capitalismo é um sistema que se baseia na exploração da classe trabalhadora. Os trabalhadores vendem sua força de trabalho aos capitalistas em troca de salário, e os lucros são obtidos a partir da diferença entre o valor produzido pelo trabalho e o salário pago. Isso leva a desigualdades sociais e a uma concentração de riqueza nas mãos dos proprietários dos meios de produção.

Weber (1904) argumenta que o capitalismo também é impulsionado por fatores culturais e sociais, como a ética protestante, que enfatiza o trabalho árduo, a frugalidade e o acúmulo de riqueza como uma virtude. Essa ética, combinada com as condições econômicas favoráveis, contribuiu para o desenvolvimento do capitalismo em certas regiões do mundo.

O sistema capitalismo também enfrenta críticas e desafios. Polanyi (1944) apontam que a busca pelo lucro desenfreado pode levar a consequências sociais negativas, como a

exploração dos trabalhadores e a degradação do meio ambiente. Além disso, economistas como Keynes (1936) argumentam que o capitalismo pode ser instável e propenso a crises econômicas, requerendo a intervenção do Estado para mitigar esses problemas.

Por fim, o capitalismo é um sistema econômico e social que se baseia na propriedade privada dos meios de produção e na busca pelo lucro. Ele é marcado pela exploração dos trabalhadores e pela desigualdade social, mas também trouxe desenvolvimento econômico e avanços tecnológicos. Entender os diferentes pontos de vista sobre o capitalismo e seus impactos é fundamental para promover um debate informado sobre seus aspectos positivos e negativos e buscar alternativas para um sistema mais justo e sustentável (Marx, 1867).

### 2.3 TECNOLOGIAS E O TRABALHADOR

O avanço das tecnologias tem trazido transformações significativas ao ambiente de trabalho, impactando diretamente a forma como as tarefas são executadas e como os trabalhadores interagem com as máquinas. Nesse contexto, surgem questionamentos acerca do futuro do trabalho e do papel do trabalhador diante dessas mudanças (Frey; Osborne, 2017).

A automação e a inteligência artificial têm sido apontadas como duas das principais tecnologias responsáveis por essas transformações. Segundo Frey e Osborne (2017), em seu estudo sobre a automação de empregos, diversas ocupações correm o risco de serem substituídas por máquinas nos próximos anos. Essa perspectiva tem gerado apreensão e incertezas entre os trabalhadores, que se preocupam com a possibilidade de perderem seus empregos para as máquinas.

No entanto, é importante ressaltar que, apesar dos temores iniciais, as tecnologias também trazem novas oportunidades para os trabalhadores. De acordo com Brynjolfsson e McAfee (2014), em seu livro "A Segunda Era da Máquina", as máquinas podem ser aliadas dos trabalhadores, aumentando sua produtividade e permitindo o desenvolvimento de novas habilidades, além de diminuir o risco de algumas profissões. Nesse sentido, é fundamental que os trabalhadores estejam dispostos a se adaptar e aprender a utilizar as tecnologias a seu favor.

Além disso, as tecnologias têm o potencial de criar novas profissões e setores de trabalho. O relatório do Fórum Econômico Mundial (2020) destaca que a demanda por habilidades de programação, análise de dados e inteligência artificial está em crescimento. Isso indica que, embora algumas ocupações possam desaparecer, outras surgirão para atender às necessidades do mercado.

No entanto, é importante considerar as questões éticas e sociais relacionadas ao uso das tecnologias no trabalho. É necessário garantir que os avanços tecnológicos não ampliem ainda mais as desigualdades sociais e econômicas. Como aponta Acemoglu e Restrepo (2020), em seu estudo sobre automação e desigualdade, políticas públicas adequadas são essenciais para garantir que os benefícios das tecnologias sejam distribuídos de maneira justa. Vale destacar que, as tecnologias estão redefinindo o trabalho e o papel dos trabalhadores na sociedade. Embora algumas ocupações possam ser substituídas por máquinas, novas oportunidades também surgem. A adaptação, a aprendizagem contínua e a conscientização sobre as questões éticas são fundamentais para que os trabalhadores possam se beneficiar das tecnologias e enfrentar os desafios dessa nova era.

De acordo com a pesquisa realizada por Gray e Suri (2019), o uso excessivo das tecnologias no ambiente de trabalho pode levar a uma desumanização das relações laborais, observou a interação face a face e substituindo-a por comunicações virtuais impessoais. Isso pode resultar em uma perda de conexão entre os trabalhadores, afetando a ocupação do ambiente de trabalho e a colaboração entre as equipes.

As tecnologias têm tido um impacto significativo na saúde mental dos trabalhadores, trazendo tanto benefícios quanto desafios. Embora as inovações tecnológicas possam aumentar a eficiência e a flexibilidade no trabalho, elas também podem contribuir para o surgimento de problemas relacionados ao bem-estar psicológico (Gray; Suri 2019).

Um dos principais desafios é a constante conectividade proporcionada pelos dispositivos digitais. Segundo um estudo realizado por Yildirimet *et al* (2020), o uso excessivo de smartphones e a exposição contínua a notificações e informações podem levar ao estresse, à ansiedade e à falta de descanso adequado, prejudicando a saúde mental dos trabalhadores.

Além disso, a sobrecarga de informações e a pressão por estar sempre disponível podem contribuir para a chamada "síndrome da hiperconectividade". De acordo com Ricciardiet *et al* (2020), essa síndrome é caracterizada por uma sensação de esgotamento, dificuldades de concentração e uma sensação constante de estar sobrecarregado com as demandas tecnológicas. Esses sintomas podem afetar negativamente o bem-estar mental dos trabalhadores.

Em contrapartida, é importante ressaltar que as tecnologias também podem desempenhar um papel positivo na saúde mental dos trabalhadores. O uso de aplicativos de *mindfulness* e de bem-estar mental, por exemplo, tem sido associado a uma redução do

estresse e ao aumento do bem-estar psicológico (Flett, 2021). Essas ferramentas podem ajudar os trabalhadores a equilibrar o uso das tecnologias e promover o autocuidado.

Para lidar com os impactos negativos das tecnologias na saúde mental dos trabalhadores, é fundamental implementar políticas e práticas que incentivem o uso saudável e equilibrado das tecnologias. Isso pode incluir a promoção de limites claros entre o trabalho e o tempo de descanso, o estabelecimento de períodos de desconexão digital e a conscientização sobre a importância do bem-estar mental no ambiente de trabalho (Krebner, 2021).

Desse modo, as tecnologias têm um impacto significativo na saúde mental dos trabalhadores. Embora possam trazer benefícios, como maior eficiência e flexibilidade, também apresentam desafios, como o estresse e a sobrecarga de informações. É essencial adotar estratégias que promovam o uso equilibrado das tecnologias e incentivem o autocuidado para preservar a saúde mental dos trabalhadores no mundo digital (Krebner, 2021).

#### 2.4 PSICOLOGIA E O PROCESSO DE SAÚDE-DOENÇA

A psicologia desempenha um papel fundamental no entendimento do processo de saúde-doença no contexto do trabalho, especialmente considerando o uso crescente das tecnologias. À medida que a sociedade avança em direção a uma economia digital, cada vez mais indivíduos se veem imersos em ambientes de trabalho que dependem fortemente do uso de dispositivos tecnológicos, como computadores, smartphones e sistemas automatizados (Ferrari *et al.*, 2020).

A influência das tecnologias no contexto do trabalho é evidente em diversos aspectos. A conectividade constante proporcionada por dispositivos móveis e a possibilidade de trabalhar remotamente podem resultar em uma sobreposição entre o tempo de trabalho e o tempo pessoal, levando a uma falta de limites claros entre a vida profissional e a vida pessoal. Isso pode causar estresse, exaustão e uma diminuição na qualidade de vida dos trabalhadores (Kim; Shin, 2018).

Além disso, a dependência excessiva das tecnologias pode levar a problemas de saúde física, como dores musculares, lesões por esforço repetitivo e problemas oculares relacionados ao uso prolongado de telas (Griffiths *et al.*, 2020). Para compreender o impacto psicológico do uso das tecnologias no trabalho, é necessário considerar teorias e pesquisas relevantes.

A teoria do desgaste do ego de Freudenberg (1974) destaca o esgotamento físico e mental que pode resultar de um estresse crônico relacionado ao trabalho. No contexto das

tecnologias, esse desgaste pode ser intensificado pelo fato de os trabalhadores estarem constantemente conectados e disponíveis, sem um tempo adequado para descanso e recuperação.

Além disso, a teoria do engajamento de Bakker e Demerouti (2007) é relevante para entender como o uso excessivo das tecnologias pode impactar a saúde mental no trabalho. Segundo essa teoria, o engajamento é caracterizado por uma combinação de vigor, dedicação e absorção no trabalho. No entanto, quando os trabalhadores estão constantemente conectados e disponíveis, o engajamento pode se transformar em sobrecarga e exaustão, resultando em um impacto negativo na saúde e no bem-estar (Bakker; Demerouti, 2007).

Para mitigar os efeitos negativos do uso das tecnologias no contexto do trabalho, são necessárias intervenções e políticas adequadas. Uma abordagem preventiva envolve a implementação de programas de bem-estar no trabalho que promovam o equilíbrio entre vida profissional e pessoal, incentivem pausas regulares e ofereçam apoio psicológico (Schaufeli; Bakker, 2004). Além disso, é fundamental educar os trabalhadores sobre o uso saudável e consciente das tecnologias, incentivando a definição de limites e o estabelecimento de rotinas equilibradas.

Um estudo realizado por Kim e Shin (2018) destacou a importância do suporte organizacional na mitigação dos efeitos negativos do uso excessivo das tecnologias. Quando as organizações adotam políticas que promovem a desconexão digital fora do horário de trabalho valorizam o equilíbrio entre vida profissional e pessoal, os trabalhadores tendem a experimentar níveis mais baixos de estresse e uma melhor qualidade de vida. Além disso, o suporte social no local de trabalho também desempenha um papel crucial na promoção da saúde e no enfrentamento dos desafios associados ao uso das tecnologias. Isso pode incluir a criação de redes de apoio, o estabelecimento de programas de mentoria e o incentivo à comunicação aberta e ao trabalho em equipe (Chen *et al.*, 2021).

É importante ressaltar que a psicologia organizacional desempenha um papel fundamental na compreensão e no enfrentamento dos desafios relacionados ao uso das tecnologias no trabalho. Os psicólogos organizacionais podem fornecer orientação e apoio às organizações na implementação de estratégias eficazes de gestão do trabalho, que promovam a saúde e o bem-estar dos trabalhadores. Além disso, eles podem auxiliar na identificação de fatores de risco específicos e na implementação de intervenções personalizadas para enfrentar os problemas de saúde mental e física relacionados ao uso das tecnologias (Schaufeli; Taris, 2014). A psicologia desempenha um papel crucial na compreensão do processo de saúde-doença no contexto do trabalho, especialmente no que diz respeito ao uso das tecnologias. Por

meio de abordagens teóricas embasadas, pesquisas e intervenções apropriadas, é possível promover um equilíbrio saudável entre o uso das tecnologias e a saúde dos trabalhadores, contribuindo para um ambiente de trabalho mais saudável e produtivo.

Desta forma, para compreender o processo de saúde-doença é importante entendermos a psicodinâmica do trabalho é uma abordagem teórica que se concentra nas interações entre a dimensão psicológica e o contexto de trabalho. Ela busca compreender os processos psicológicos e sociais que ocorrem no ambiente de trabalho, considerando fatores como relações interpessoais, organização do trabalho, demandas e recursos (Dejours, 2015).

Segundo Dejours (2015), a psicodinâmica do trabalho tem como objetivo investigar as experiências subjetivas dos trabalhadores e como elas são afetadas pelas condições e características do trabalho. Ela enfatiza a importância das relações sociais no trabalho, a percepção de sentido e significado das atividades realizadas e os efeitos psicopatológicos resultantes de situações de trabalho adversas.

Essa abordagem baseia-se na ideia de que o trabalho é um espaço propício para a expressão da subjetividade e para o desenvolvimento pessoal. No entanto, quando há fatores como sobrecarga, pressão, falta de autonomia ou conflitos interpessoais, podem surgir distúrbios emocionais e psicossomáticos nos trabalhadores (Dejours, 2015).

A psicodinâmica do trabalho busca identificar e compreender os mecanismos de defesa e adaptação que os indivíduos utilizam para lidar com as demandas e dificuldades do trabalho. Ela destaca a importância da participação ativa do trabalhador na organização e na melhoria das condições de trabalho, promovendo a saúde e o bem-estar no ambiente laboral. Dejours (2015) enfatiza a necessidade de se promover mudanças organizacionais que visem a humanização do trabalho, permitindo que os trabalhadores tenham voz ativa, possam expressar suas emoções e opiniões, e tenham um espaço para negociação e participação nas decisões relacionadas às suas atividades laborais.

Dessa forma, a psicodinâmica do trabalho contribui para a compreensão dos aspectos subjetivos e psicológicos do trabalho, destacando a importância de um ambiente laboral saudável, com relações interpessoais satisfatórias e um equilíbrio adequado entre as demandas e os recursos disponíveis (Dejours, 2015).

### **3 METODOLOGIA**

O presente estudo se faz por meio da metodologia de revisão bibliográfica narrativa qualitativa, uma vez que pesquisa narrativa qualitativa é uma abordagem metodológica que se baseia na compreensão e interpretação das narrativas dos participantes, os pesquisadores

podem explorar questões complexas e contextuais, capturando nuances e proporcionando uma compreensão mais holística dos fenômenos estudados. Desta forma, segundo Denzin (2017) destaca a importância da pesquisa narrativa qualitativa ao afirmar que "as histórias são fundamentais para a maneira como vivemos, nos constituímos e atribuímos significado ao mundo". Nesse sentido, a pesquisa narrativa qualitativa permite que os pesquisadores explorem as histórias individuais e coletivas dos participantes, buscando compreender como essas histórias moldam suas vidas e suas relações com o mundo ao seu redor.

Para a coleta de informações sobre o tema em questão, foi empregada a estratégia de revisão bibliográfica, que proporciona uma compreensão abrangente a partir da perspectiva de diversos autores. Conforme Gil (2002), a pesquisa bibliográfica baseia em fontes secundárias, permitindo uma sólida fundamentação teórica sobre o assunto investigado, sem a necessidade de observar os fenômenos diretamente. No entanto, devido ao fato de os dados serem obtidos a partir de fontes secundárias, é importante avaliar com cuidado e de forma crítica tudo o que é utilizado como fonte de dados teóricos na pesquisa. Portanto, a pesquisa foi conduzida por meio da busca de artigos científicos nas plataformas Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (Scielo).

Como critério de inclusão, foram selecionados artigos científicos que abordassem a temática do projeto. No entanto, foram priorizados os artigos que enfocavam sobre psicologia organizacional, saúde do trabalhador e saúde coletiva. Em relação ao critério de exclusão, foram descartados os materiais que não se relacionavam diretamente com a temática proposta. O processo de análise de dados seguiu a seguinte sequência: primeiramente, foi realizada a etapa de pré-análise, na qual foi feita a busca e seleção dos materiais relevantes conforme a temática estabelecida. Em seguida, foi conduzida a exploração dos materiais selecionados, ou seja, foram realizadas leituras minuciosas a fim de extrair as informações pertinentes para o desenvolvimento do tema proposto. Por fim, os resultados foram interpretados, envolvendo a análise dos dados teóricos obtidos durante a exploração da temática do projeto de pesquisa.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A análise da perspectiva histórica do trabalho revela uma evolução significativa ao longo das diferentes épocas, sendo influenciada por diversos fatores sociais, tecnológicos e econômicos. Conforme destacado por Sahlins (1972) e Lee (1979), as sociedades caçadoras-coletoras apresentavam uma abordagem cooperativa do trabalho, no qual as tarefas eram



divididas com base em gênero e idade. Nesse contexto, os homens se envolviam predominantemente em atividades de caça, pesca e defesa do grupo, enquanto as mulheres desempenhavam funções relacionadas à coleta de alimentos vegetais, cuidado das crianças e preparação dos alimentos. Importante ressaltar que, nessas sociedades primitivas, não havia uma distinção rígida entre o trabalho e a vida cotidiana, sendo o trabalho intrinsecamente ligado à subsistência do grupo e integrado ao ambiente natural.

No que diz respeito à Antiguidade, conforme Durand (2010), o trabalho desempenhou um papel fundamental na sustentação das civilizações da época. Nas sociedades agrárias do Egito e da Mesopotâmia, a agricultura era o alicerce da economia, com os camponeses desempenhando um papel central na produção de alimentos. A Grécia Antiga, por sua vez, fazia uso do trabalho escravo, permitindo que os cidadãos livres se dedicassem a atividades intelectuais e políticas. Em paralelo, a sociedade romana também se apoiava fortemente no trabalho escravo, envolvendo escravos em uma ampla gama de atividades econômicas, desde a agricultura até a construção. O Império Romano testemunhou o desenvolvimento de estruturas econômicas complexas, como o comércio e a manufatura, nos quais o trabalho era frequentemente visto como uma atividade subordinada destinada aos escravos e servos.

Com a transição para a Idade Média, o trabalho manual ganhou destaque, especialmente na agricultura e na produção artesanal, como apontado por Le Goff (2003). A sociedade feudal era hierarquizada, com os senhores feudais detendo poder político e terras, enquanto os camponeses cultivavam nas terras dos senhores em troca de proteção e uso de uma parcela de terra para sua subsistência. Essa relação, conhecida como sistema de servidão, foi essencial para garantir a produção agrícola e sustentar a estrutura social feudal.

A evolução do trabalho ao longo da história está intrinsecamente ligada às transformações sociais, tecnológicas e econômicas ocorridas em diferentes épocas (Durand, 2010). O século XX testemunhou a luta dos trabalhadores por melhores condições de trabalho e direitos trabalhistas, resultando em mudanças significativas na organização do trabalho e na legislação trabalhista em diversas nações. Ao mesmo tempo, o avanço das tecnologias deu origem a novas formas de trabalho, como o teletrabalho e a terceirização, introduzindo novos desafios e questões para os trabalhadores (Freire, 2018).

A Revolução Industrial, que marcou o século XVIII, representou uma mudança profunda na organização do trabalho, com a introdução de máquinas e tecnologias que possibilitaram a produção em larga escala. No entanto, esse período também foi caracterizado por condições precárias de trabalho, exploração e baixos salários para os trabalhadores. Com o tempo, movimentos trabalhistas emergiram, lutando por melhores condições laborais e

direitos dos trabalhadores. No Brasil, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), abelecida em 1943, representou um marco na legislação trabalhista, estabelecendo regras para a relação entre empregados e empregadores (Silva, 2004; Coutinho, 2007).

Atualmente, o trabalho mantém seu papel fundamental na vida das pessoas e na economia global. Entretanto, as novas tecnologias e as mudanças na economia global têm tido um impacto significativo no mercado de trabalho. A automatização de muitas atividades e a criação de novas profissões, como discutido por Castells (2009), transformaram a natureza do trabalho e as habilidades exigidas dos trabalhadores.

O avanço das novas tecnologias no ambiente de trabalho trouxe consigo mudanças tanto positivas quanto negativas na saúde e no bem-estar dos trabalhadores (Sahraian *et al.*, 2019). A automação e o uso de tecnologias digitais permitiram a redução de riscos em algumas áreas, bem como a flexibilização de horários e o trabalho remoto, contribuindo para a redução do estresse e da fadiga dos trabalhadores. No entanto, o uso excessivo de tecnologia e a sobrecarga de informações podem resultar em problemas de saúde, como dores musculares, problemas de visão, fadiga mental e emocional, aumentando o risco de burnout e transtornos relacionados ao estresse (Alves *et al.*, 2020).

Além disso, as novas tecnologias também podem levar a uma maior vigilância dos trabalhadores, seja por meio de sistemas de monitoramento eletrônico ou análise de dados de produtividade, impactando a privacidade e a liberdade dos trabalhadores. Portanto, é fundamental buscar um equilíbrio entre a adoção de novas tecnologias e a preservação da saúde e do bem-estar dos trabalhadores, como destacado por Singh *et al.* (2020). Isso requer a implementação de políticas e medidas específicas que abordem esses desafios, além de uma cultura empresarial que valorize a saúde e o bem-estar dos trabalhadores.

No contexto histórico, a psicodinâmica do trabalho surgiu como uma resposta às transformações no mundo do trabalho que frequentemente resultavam em sofrimento e adoecimento dos trabalhadores (Mendes, 2007). De acordo com Dejours (2015), essa abordagem interdisciplinar se originou no final da década de 1970 com o propósito de compreender os processos psicológicos envolvidos no adoecimento relacionado ao trabalho.

Ao longo do tempo, a psicodinâmica do trabalho evoluiu, incorporando conceitos e teorias da psicologia, sociologia, antropologia e medicina do trabalho. Seu principal objetivo é analisar os aspectos subjetivos do trabalho e como esses afetam a saúde e o bem-estar dos trabalhadores. Dentro desse contexto, essa abordagem desempenha um papel crucial na identificação de questões relacionadas ao trabalho, como o assédio moral, a sobrecarga emocional e a violência no ambiente de trabalho. Além disso, ela propõe intervenções

destinadas a promover a saúde mental e o bem-estar dos trabalhadores. Essa perspectiva multidisciplinar tem sido fundamental para entender as complexas relações entre o trabalho e a saúde dos trabalhadores, contribuindo para a criação de ambientes laborais mais saudáveis e humanizados (Dejours, 2015; Mendes, 2007).

A discussão sobre a precarização do trabalho no contexto do capitalismo é fundamental para compreender os desafios enfrentados pelos trabalhadores em um sistema econômico que prioriza a acumulação de capital. A visão apresentada por Harvey (1990) destaca que o capitalismo busca incessantemente maximizar os lucros, muitas vezes às custas das condições de trabalho e da segurança social dos empregados. Isso é evidenciado pelo uso de estratégias como contratos temporários, terceirização e a promoção do trabalho autônomo e freelancer, todas voltadas para flexibilizar o trabalho e reduzir custos para os empregadores.

A terceirização, como mencionado por Antunes (2018), exemplifica essa tendência. Embora seja uma prática conveniente para as empresas, ela frequentemente resulta em salários mais baixos, jornadas extenuantes e menor proteção social para os trabalhadores terceirizados. Isso contribui significativamente para a precarização do trabalho, com impactos diretos na qualidade de vida e na estabilidade econômica dos trabalhadores.

Além disso, o crescimento do trabalho autônomo e dos freelancers, como apontado por Standing (2011), está relacionado à flexibilidade proporcionada pela economia digital, mas também resulta em empregos com pouca segurança e proteção social. Isso cria uma situação na qual muitos trabalhadores autônomos enfrentam incertezas no emprego e lutam para obter benefícios e direitos trabalhistas, levantando questões sobre a qualidade de vida e o bem-estar dessa categoria de trabalhadores.

Por outro lado, a discussão sobre o materialismo de Marx destaca que o capitalismo é um sistema marcado pela exploração da classe trabalhadora. Marx (1867) argumenta que os trabalhadores vendem sua força de trabalho aos capitalistas em troca de salários, enquanto os lucros são obtidos a partir da diferença entre o valor produzido pelo trabalho e o salário pago. Essa exploração inerente ao sistema é uma das principais críticas ao capitalismo.

Weber (1904), por sua vez, enfatiza o papel das influências culturais e sociais, como a ética protestante, na promoção do trabalho árduo e da acumulação de riqueza como virtudes no capitalismo. Essa perspectiva destaca a complexidade do sistema, pois incorpora fatores culturais e psicológicos em sua análise.

No entanto, como apontado por Polanyi (1944) e Keynes (1936), o capitalismo também enfrenta desafios, como a exploração excessiva dos trabalhadores e crises

econômicas cíclicas. Isso levanta questões sobre a necessidade de regulamentação estatal para mitigar os impactos negativos do capitalismo.

Dessarte, a discussão sobre a precarização do trabalho e o capitalismo é multifacetada, envolvendo análises econômicas, sociais e culturais. Compreender essas complexidades é crucial para promover um debate informado sobre os impactos do sistema capitalista e buscar alternativas que garantam dignidade e segurança aos trabalhadores, sem comprometer o desenvolvimento econômico. É um tema relevante e desafiador que continua a ser objeto de estudo e reflexão em todo o mundo (Marx, 1867).

Frey e Osborne (2017) são citados como autores que apontam o risco de automação de empregos, o que pode gerar preocupações entre os trabalhadores. A visão deles sobre o avanço da automação se alinha com a ideia de que as tecnologias, como a automação e a inteligência artificial, estão transformando o mercado de trabalho. Isso significa que algumas ocupações podem, de fato, ser substituídas por máquinas, levando a questões sobre o futuro da empregabilidade.

Em contrapartida, Brynjolfsson e McAfee (2014) apresentam uma perspectiva mais otimista. Eles enfatizam que as máquinas podem ser aliadas dos trabalhadores, aumentando a produtividade e permitindo o desenvolvimento de novas habilidades. Essa visão sugere que, embora a automação possa eliminar certas tarefas, também pode criar oportunidades para os trabalhadores se adaptarem e aprenderem a utilizar as tecnologias a seu favor. Portanto, a adaptação é uma chave para que os trabalhadores se beneficiem dessas mudanças.

O relatório do Fórum Econômico Mundial (2020) traz uma perspectiva importante ao destacar a crescente demanda por habilidades relacionadas à programação, análise de dados e inteligência artificial. Isso implica que novas oportunidades de emprego podem surgir em setores relacionados à tecnologia. Essa visão reforça a ideia de que, embora algumas ocupações possam ser substituídas, novas profissões podem emergir para atender às necessidades do mercado de trabalho.

Acemoglu e Restrepo (2020) abordam questões éticas e sociais. Eles enfatizam a importância de políticas públicas adequadas para garantir que os benefícios das tecnologias sejam distribuídos de maneira justa. Isso sugere que, além das implicações econômicas, é essencial considerar o impacto social das tecnologias, especialmente em relação à desigualdade.

A discussão sobre o impacto na saúde mental dos trabalhadores baseia-se em Gray e Suri (2019), Yildirim *et al.* (2020) e Ricciardi *et al.* (2020). Esses autores destacam como o uso excessivo das tecnologias pode levar ao estresse, à ansiedade e à síndrome da

hiperconectividade. No entanto, também ressaltam o potencial positivo das tecnologias, como aplicativos de bem-estar mental, para promover o bem-estar psicológico dos trabalhadores.

Krebner (2021), traz a discussão ao enfatizar a importância de implementar políticas e práticas que incentivem o uso saudável das tecnologias no ambiente de trabalho, incluindo a promoção de limites entre o trabalho e o tempo de descanso.

Ferrari *et al.* (2020), por sua vez ressaltam a crescente imersão dos indivíduos em ambientes de trabalho que dependem fortemente das tecnologias. Eles enfatizam como a conectividade constante proporcionada por dispositivos móveis e a possibilidade de trabalhar remotamente estão levando a uma sobreposição entre o tempo de trabalho e o tempo pessoal, resultando em estresse e exaustão.

Kim e Shin (2018), corroboram essa visão ao destacar a falta de limites claros entre a vida profissional e pessoal devido à dependência das tecnologias no trabalho. Eles enfatizam como as organizações podem desempenhar um papel fundamental na mitigação desses efeitos negativos ao adotar políticas que promovem a desconexão digital fora do horário de trabalho e valorizam o equilíbrio entre essas esferas.

Griffiths *et al.* (2020), trazem à tona os problemas de saúde física, como dores musculares e lesões por esforço repetitivo, decorrentes do uso prolongado de tecnologias no trabalho. Esses problemas físicos são um componente importante do impacto das tecnologias no bem-estar dos trabalhadores.

Freudenberger (1974) e Bakker e Demerouti (2007) fornecem perspectivas teóricas valiosas. Freudenberger com sua teoria do desgaste do ego, que resalta o esgotamento físico e mental em situações de estresse crônico relacionado ao trabalho, e Bakker e Demerouti com a teoria do engajamento, que destaca a importância de equilibrar vigor, dedicação e absorção no trabalho. Ambos os autores alertam para a possibilidade de que o uso excessivo das tecnologias no trabalho possa desencadear sobrecarga e exaustão, prejudicando a saúde e o bem-estar dos trabalhadores.

Schaufeli e Bakker (2004) propõem a implementação de programas de bem-estar no trabalho como uma abordagem preventiva. Esses programas buscam promover o equilíbrio entre vida profissional e pessoal, incentivando pausas regulares e oferecendo apoio psicológico. Essa perspectiva reforça a importância das intervenções e políticas organizacionais na promoção da saúde dos trabalhadores.

Chen *et al.* (2021) realçam o papel do suporte social no local de trabalho, incluindo redes de apoio e programas de mentoria, como elementos fundamentais na promoção da saúde e no enfrentamento dos desafios associados ao uso das tecnologias no trabalho.

Por outro lado, Dejours (2015) introduz a psicodinâmica do trabalho, uma abordagem teórica que enfatiza as interações entre a dimensão psicológica e o contexto de trabalho. Ele destaca a importância das relações sociais no trabalho e como a percepção de sentido e significado das atividades laborais é fundamental para a saúde mental dos trabalhadores. Dejours enfatiza a necessidade de promover mudanças organizacionais que humanizem o trabalho e deem voz ativa aos trabalhadores. Assim, ao analisar essas contribuições, percebemos que diversos autores estão convergindo em pontos importantes. O uso excessivo das tecnologias no ambiente de trabalho pode levar a sérios problemas de saúde e bem-estar, incluindo estresse, exaustão, problemas físicos e distúrbios emocionais. As organizações desempenham um papel fundamental na mitigação desses efeitos, por meio da implementação de políticas que promovem o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, apoio psicológico e suporte social.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que o tema abordado neste trabalho é de extrema importância, uma vez que o avanço tecnológico tem remodelado profundamente o ambiente de trabalho e tem implicações significativas para a psicologia. Além do mais, As transformações em curso geram preocupações sobre o futuro do trabalho e o papel dos trabalhadores diante da automação e da inteligência artificial. Ademais, as tecnologias têm o potencial de criar novas oportunidades para os trabalhadores, aumentando a produtividade e possibilitando o desenvolvimento de novas habilidades.

No entanto, é necessário considerar as implicações éticas e sociais dessas mudanças, garantindo que não acentuem desigualdades. Portanto, a saúde mental dos trabalhadores também podem ser afetada, diante de uma cobrança profissional, entretanto, não proporciona condições de trabalho e organização de trabalho adequadas para que o colaborador seja produtivo, preservando o seu bem-estar. Desse modo, a pressão laboral ocasiona desafios como o estresse e a síndrome da hiperconectividade. Contudo vale salientar que a tecnologia pode ser uma aliada na promoção do bem-estar, bem como as políticas e práticas no local de trabalho desempenham um papel crucial na promoção da saúde mental dos trabalhadores.

A psicologia organizacional fornece orientação valiosa, no qual a compreensão do processo de saúde-doença no contexto do trabalho é fundamental e os estudos e teorias apresentados neste trabalho contribuem significativamente para essa discussão, fornecendo

uma base sólida para futuras pesquisas e melhorias nas práticas de trabalho e políticas de bem-estar.

## REFERÊNCIAS

Acemoglu, D., Restrepo, P. (2020). **Automação e desigualdade: quando as máquinas assumem empregos, os trabalhadores se beneficiam?**. Revista de Perspectivas Econômicas, 33(2), 3-30.

Alves, D. *et al.* **Saúde e segurança no trabalho em tempos de pandemia: reflexões sobre os desafios para a área.** Trabalho, Educação e Saúde, v. 18, n. 3, p. 1-6, 2020.

Bakker, A. B., & Demerouti, E. (2007). **O modelo demanda-recursos: estado da arte.** Revista de Psicologia Gerencial, 22(3), 309-328.

Brynjolfsson, E., McAfee, A. (2014). **A Segunda Era da Máquina: Trabalho, Progresso e Prosperidade.**

Castells, M.; **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2009.

Chen, Y., Wu, C. H., & Chang, Y. Y. (2021). **Apoio social no trabalho e bem-estar do funcionário: uma meta-análise.** Revista de Comportamento Vocacional, 125, 103506.

Coutinho, R. S. **O trabalho na história: da Antiguidade aos nossos dias.** São Paulo: Contexto, 2007.

Denzin, N. K. (2017). **O Manual SAGE de Pesquisa Qualitativa (5ª ed.).** Publicações Sage.

Dejours, C. (2015). **Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho.** In G. R. Mendes, & D. M. Merlo (Org.), Trabalho e saúde: prazer, sofrimento e estratégias de enfrentamento (pp. 71-94). Fiocruz.

Dejours, C. **A Loucura do Trabalho: estudo de Psicopatologia do Trabalho.** Cortez. 1994.

Dejours, C. **Por um trabalho psicologicamente vivo.** Brasília: Paralelo 15, 2015.

Durand, J.-P. **História social do trabalho.** São Paulo: Ed. SENAC, 2010.

Espírito Santo, Eniel do; Barbosa de Freitas, Fábica Quele. **A Saúde Do Trabalho e Trabalhador em tempos de Precarização do Trabalho.** Revista Intersaberes, Curitiba, v. 4, ed. 8, p. 150-169, 2009.

Ferrari, L., Dal Corso, L., & Dal Corso, M. (2020). **Tecnologia no trabalho: Perspectivas psicológicas profissionais.** Fronteiras da Psicologia, 11, 1203.

Flett, J. A. (2021). **Tecnologia e Saúde Mental: Aproveitando as Ferramentas Digitais para o Bem-Estar.** Fronteiras da Psicologia, 12, 640318.

Freire, A. C. M. **O trabalho no século XXI: desafios e perspectivas**. Revista Estudos Avançados, São Paulo, v. 32, n. 93, p. 51-66, 2018.

Freudenberger, H. J. (1974). **Desgaste da equipe**. Revista de Assuntos Sociais, 30(1), 159-165.

Garcia, R. **A precarização do trabalho no mundo contemporâneo**. Revista Direitos Fundamentais & Democracia, Curitiba, v. 25, p. 7-28, 2019.

GIL, A. C, 1946-**Como elaborar projetos de pesquisa**. Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo:Atlas, 2002.

Griffiths, M. D., Shonin, E., Van Gordon, W. (2020). **Vícios tecnológicos: Conceituação, mensuração, prevalência e tratamento**. Relatórios de Comportamentos Aditivos, 12, 100311.

Kim, S. W., & Shin, Y. S. (2018). **Technostress dos funcionários na Coreia do Sul: Diferenças entre indústrias e sugestões para o uso eficaz da tecnologia**. Pesquisa em Psicologia e Gestão do Comportamento, 11, 461-470.

Krebner, D. (2021). **O impacto da tecnologia na saúde mental no local de trabalho: uma análise abrangente**. Revista de Psicologia da Saúde Ocupacional,

Lima Alves, F. D.. **TDICS e Ensino Remoto: Uma Experiência De Alfabetização Utilizando WhatsApp**. Conhecimento e Multidisciplinaridade, Rio de Janeiro, v. 2, p. 27-45, 2020.

Mendes, A. M. A. **Psicodinâmica do trabalho: conceitos, métodos e práticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

Organização Mundial da Saúde. (2019, 22 de janeiro). **Saúde Mental no Local de Trabalho**. Retirada de <https://www.who.int/news-room/commentaries/detail/mental-health-in-the-workplace>

Prado, M. A. A. **A história do trabalho e do trabalhador no Brasil**. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA: TRABALHO E CULTURA, 2., 2008, Natal. Anais... Natal: UFRN, 2008. p. 1-10.

Sahraian, A. *et al.* **Impactos do avanço tecnológico nas intervenções de saúde e segurança no trabalho**. Segurança e Saúde no Trabalho, v. 10, n. 4, p. 395-399, 2019.

Schaufeli, W. B., Bakker, A. B. (2004). **Demandas do trabalho, recursos do trabalho e sua relação com burnout e engajamento: um estudo multi-amstral**. Revista de Comportamento Organizacional, 25(3), 293-315.

Schaufeli, W. B., Taris, T. W. (2014). **Uma revisão crítica do modelo demandas-recursos do trabalho: implicações para a melhoria do trabalho e da saúde**. In G. F. Bauer & O. Hämmig (Eds.), Fazendo a ponte entre saúde ocupacional, organizacional e pública: uma abordagem transdisciplinar (pp. 43-68). Springer.

Silva, M. A. S. **Direito do Trabalho: Princípios Fundamentais**. São Paulo: Atlas, 2004.



Singh, P. et al. **Avanços nas tecnologias digitais e seu impacto na saúde e segurança ocupacional na indústria de mineração.** Ciência da Segurança, v. 130, p. 104863, 2020.  
Stock, A. M. **A história do trabalho humano.** Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, n. 46, p. 10-11, jun. 2010.

Trad. PARAGUAI, A. I.; FERREIRA, L. L. São Paulo: Cortez, 5 ed, p. 133-134, 1992.

Lee, R.B (1979). **Os Kung San: Homens, Mulheres e Trabalho em uma Sociedade de Colecionadores.** São Paulo: Editora Unesp.

Sahlins, M. (1972). **Economia da Idade da Pedra.** Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Marx, K. (1867). **O Capital: Crítica da Economia Política.** São Paulo: Boi tempo.

Weber, M. (1904). **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras.

Polanyi, K. (1944). **A Grande Transformação: As Origens da Nossa Época.** Rio de Janeiro: Campus.

Keynes, J. M. (1936). **Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda.** São Paulo: Atlas.

Antunes, R. (2018). **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho.** Cortez Editora.

Harvey, D. (1990). **A Condição Pós-Moderna.** Edições Loyola.

Standing, G. (2011). **O Precarizado: A Nova Classe Perigosa.** Acadêmico de Bloomsbury.